

Apresentação

Lawrence Flores Pereira

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria - Brasil

Kathrin Holtermayr Rosenfield

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - Brasil

Júlio Bernardes

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - Brasil

A cordialidade é uma virtude. Assim, por exemplo, todo viajante sente grande alívio quando retorna de Berlim ou Hamburgo para Salzburg ou Viena, onde já sopram os ventos da Itália e dos Balcãs. Não é tanto o clima que muda, mas a atmosfera afetiva: no norte alemão sofremos da reserva impessoal e de uma discrição quase ascética, que torna as relações sociais e as amizades excessivamente despojadas de efusões emocionais; na Alemanha do Sul, na Áustria – e no Brasil – já se sente maior “calor humano”, a acolhida é mais espontânea e afetuosa, o contato pessoal ocorre segundo as intuições do momento e da situação, dando ao visitante a impressão de maravilhosas afinidades secretas.

Mas há momentos em que as relações se invertem. Durante a segunda guerra, por exemplo, a maquinaria do extermínio da cordial Viena funcionava muito melhor do que a da fria Berlim – ao ponto de os dirigentes pouco cordiais do Norte tentarem descobrir o segredo do Sul. Obviamente, não é a cordialidade que causa atrocidades. Mas ela pode ser um sintoma e vir a ser um ingrediente perigoso quando estouram hostilidades. O problema mais importante das formas

de comunicação “cordiais”, entretanto, reside na ocultação das engrenagens que alimentam um conflito. A ocultação não elimina as engrenagens, mas impede a criação de elos entre o fundo emotivo e os relatos racionais, ameaçando, assim, perpetuar conflitos não resolvidos.

Vejamos a etimologia do termo, que já fornece uma pista. A palavra “hostilidade” vem do latim *hostis*: o estranho, o de fora, o inimigo. Nas culturas arcaicas era natural hostilizar o estranho, o de fora, ao passo que nossa cultura democrática exige um máximo de abertura e grandes habilidades no manejo flexível de diversas formas de alteridade: diferenças étnicas e de gênero, religiosas, sociais e econômicas devem encontrar o seu devido lugar dentro da sociabilidade moderna. O não-reconhecimento do estranho – isto é, a incapacidade de vê-lo também como um virtual próximo – é a fonte oculta da ambivalência perigosa que os ensaístas brasileiros – Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Holanda, em primeiro lugar – intuíram na cordialidade: o pendor acolhedor e afável, o afeto em demasia, tende a inverter-se numa repentina rejeição, quando faltam as mediações que conectam o fundo emocional com formas regradas de comunicação.

O colóquio propõe uma reflexão sobre os mecanismos que transformam as virtudes da cordialidade – calor humano, conciliação, consideração, decência, amizade, etc. – em vícios – o não dito e a ambigüidade, a burla e a conivência, a malandragem e a desconfiança, o ressentimento e a vingança. Tanto na literatura – pensemos, somente, nos tipos tão característicos do “medalhão” e do “casmurro” machadianos –, como na vida cotidiana encontramos incontáveis exemplos da cautela “conciliadora”, que mistura a hostilidade com gestos afáveis. Ela funciona de modo nefasto, porque separa uma consciência embrionária da explicitação e, portanto, da ação, que impede o alastramento das irregularidades e das ambigüidades. Na vida cotidiana, freqüentemente, lidamos com o não-dito que “expõe” ironicamente as burlas políticas e institucionais, os conflitos entre gêneros, as violências contra os membros frágeis da sociedade e da família – ao mesmo tempo que as protege e perpetua. Na psicologia individual, esse fenômeno pertence ao “inconsciente tópico”, onde conteúdos bem conhecidos permanecem “inconscientes” na medida em que são clivados de conexões que os integrem na malha das práticas afetivas e intelectuais do sujeito. Vasculharemos a topologia social e imaginária em busca de elos e conexões entre fenômenos excluídos de uma reflexão esclarecedora. Sugerimos uma reflexão sobre os

avessos sombrios das paixões afáveis, que aparecem nas seguintes facetas:

- racismo e xenofobia;
- problemas de gênero: machismo – feminismo;
- problemas de reconhecimento do outro, hierarquicamente subordinado: violência – sexual ou não – contra crianças, exploração de pessoas socialmente frágeis;
- resistências contra a integração justa do público e do privado – favor vs concorrência;
- resistência a outras formas culturais: falta de espírito crítico na vida intelectual e artística.